

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora
instagram.com/marcador_editora

© 2012

Direitos reservados para Marcador Editora,
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Copyright © 2008 by Lynne McTaggart

Edição portuguesa publicada por acordo com a autora, representada por
Baror International, Inc., Armonk, Nova Iorque, E.U.A.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob qualquer
forma sem permissão por escrito do proprietário legal.

Título original: *The Field*

Autora: Lynne McTaggart

Tradução: Alexandra Cardoso

Revisão: Sérgio Fernandes

Paginação: Miguel Antunes

Capa: Vera Braga/Marcador Editora

Imagens da capa: © Shutterstock

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal: 346 911/12

1.^a edição, Lisboa, agosto, 2012

Reimpressão, Lisboa, julho, 2018

PARTE 1

O UNIVERSO RESSONANTE

Capítulo 1

LUZ NA ESCURIDÃO

Talvez o que aconteceu a Ed Mitchell tenha sido provocado pela falta de gravidade ou pelo facto de todos os seus sentidos estarem desorientados. Estava a caminho de casa — a cerca de 400 mil quilómetros de distância —, algures na superfície azul pontilhada de nuvens, com o crescente branco que aparecia intermitentemente pela janela triangular do módulo de comando da *Apollo 14*.¹

Dois dias antes, fora o sexto homem a aterrar na Lua. A viagem tinha sido um triunfo: a primeira aterragem lunar na qual se executaram investigações científicas. Os 43 quilos de rochas e amostras de solo no porão confirmavam-no. Embora ele e o seu comandante, Alan Shepard, não tivessem alcançado o cume de 230 metros de altura da antiga Cratera Cone, o resto dos pontos — inscritos na lista pormenorizada presa aos seus pulsos, na qual estavam descritos praticamente todos os minutos da sua viagem de dois dias — tinham sido metodicamente riscados.

Só não tinham contado com o efeito que este mundo desabitado — com pouca gravidade e destituído do efeito suavizador da atmosfera — tem sobre os sentidos. Sem marcos, tais como árvores ou fios de telefone, sem mais nada na completa extensão de paisagem acinzentada, exceto o *Antares*, o módulo lunar semelhante a um inseto, toda a perceção de espaço, escala, distância e profundi-

dade ficava terrivelmente distorcida; Ed ficara chocado ao descobrir que todos os pontos de navegação, cuidadosamente marcados em fotografias de alta resolução, tinham, pelo menos, o dobro da distância esperada. Era como se ele e Alan tivessem encolhido durante a viagem espacial e como se as elevações e os sulcos na superfície da Lua, que vistos da Terra pareciam ser minúsculos, tivessem, de repente, crescido para alturas de dois ou mais metros. Todavia, embora se sentissem proporcionalmente diminuídos, estavam mais leves do que nunca. Ele sentia uma estranha leveza do ser graças à fraca gravidade e, apesar do peso e do tamanho do seu fato espacial desengonçado, sentia-se a flutuar a cada passo.

Havia também o efeito distorcedor do Sol, puro e inalterado neste mundo sem ar. À luz ofuscante do astro, mesmo na manhã relativamente fresca, antes das temperaturas máximas alcançarem os 132 °C, as crateras, os marcos da paisagem, o solo e a Terra — até mesmo o próprio céu — apresentavam-se com uma clareza absoluta. Para uma mente acostumada ao filtro suave da atmosfera, as sombras intensas e as cores mutáveis, em tom de granito, do solo combinavam-se para iludir os olhos. Sem o saber, ele e Alan estavam a apenas 18,5 metros da beira da Cratera Cone, a cerca de 10 segundos de distância, quando voltaram para trás, convencidos de que não a alcançariam a tempo — um falhanço que desapontaria amargamente Ed, que sonhava ver o buraco de 335 metros de diâmetro no meio das montanhas lunares. Os seus olhos não sabiam interpretar esta visão hiperaumentada. Nada vivia aqui, mas também nada se escondia, e tudo carecia de sutileza. Cada visão sobrecarregava os olhos com contrastes e sombras intensos. De certo modo, nunca vira com mais clareza nem tão menos claramente.

Durante a incansável atividade do seu programa, houve pouco tempo para reflexões, para se maravilharem ou para pensarem em qualquer coisa além da viagem. Tinham avançado mais no Universo do que qualquer outra pessoa antes e, contudo, sobrecarregados pelo conhecimento de que estavam a custar 150 000 euros por minuto aos contribuintes americanos, sentiam-se obrigados a prestar atenção ao relógio, riscando no seu preenchedíssimo programa as tarefas planeadas por Houston. Só depois de o módulo lunar se ter ligado de novo ao módulo de comando e de terem iniciado a via-

gem de dois dias de regresso à Terra, é que Ed pôde tirar o seu fato espacial (agora imundo devido ao solo lunar), descontraír (sentado, em roupa interior) e tentar organizar a sua frustração e os seus pensamentos desordenados.

O *Kittyhawk* girava lentamente, como um frango no espeto, para equilibrar o efeito térmico de cada lado da nave espacial; e, nesta lenta rotação, a Terra surgia intermitentemente na janela, como um minúsculo crescente numa noite estrelada que tudo absorve. Desta perspetiva, à medida que a Terra trocava de lugar — agora visível, agora não — com o resto do Sistema Solar, o céu não existia apenas sobre os astronautas, tal como normalmente o vemos, mas sim como uma entidade englobante, que embalava a Terra por todos os lados.

Foi então, enquanto olhava pela janela, que Ed teve a mais estranha sensação que alguma vez sentiria: um sentimento de *ligação*, como se todos os planetas e todas as pessoas de todos os tempos estivessem unidos por uma espécie de rede invisível. Mal conseguia respirar devido à majestosidade do momento. Embora continuasse a girar interruptores e a carregar em botões, sentiu-se desligado do seu corpo, como se uma outra pessoa estivesse encarregada da navegação.

Parecia haver um enorme campo de forças, ligando todas as pessoas, as suas intenções e os seus pensamentos, e todas as formas de matéria, animada e inanimada, para todo o sempre. Qualquer coisa que fizesse ou pensasse iria influenciar o resto do Cosmos, e qualquer ocorrência neste teria o mesmo efeito sobre si. O tempo era apenas uma construção artificial. Tudo o que tinha aprendido sobre o Universo e sobre a separação entre as pessoas e as coisas parecia estar errado. Não existiam acidentes ou intenções individuais. A inteligência natural de há milhares de milhões de anos, autora das próprias moléculas do seu ser, era também responsável pela sua viagem atual. Isto não era algo que ele conseguisse, nesse momento, compreender com a mente; era, em vez disso, um sentimento avassaladoramente visceral, como se se estivesse a estender fisicamente para fora da janela, até aos cantos mais distantes do Cosmos.

Não tinha visto o rosto de Deus — isto não se parecia com uma experiência religiosa habitual, mas sim mais com uma ofuscante epifania de significado, aquilo que as religiões orientais frequentemente descrevem como um «êxtase de unidade». Era como se, num único instante, Ed Mitchell tivesse descoberto e sentido *A Força*.

Lançou um olhar a Alan e a Stu Roosa, o outro astronauta na missão da *Apollo 14*, para ver se estavam a sentir algo que se assemelhasse minimamente ao mesmo. Tinha havido um momento — quanto tinham saído pela primeira vez do *Antares* e caminhado sobre as planícies de Fra Mauro, uma zona de planalto na Lua — em que Alan, um veterano do primeiro lançamento espacial americano, sempre muito prático e com pouca paciência para este tipo de patranhas místicas, se tinha esticado no seu fato espacial volumoso, olhado para cima e chorado perante a visão da Terra, tão inacreditavelmente bela ela era no céu sem ar. Mas, agora, Alan e Stu pareciam estar a executar as suas tarefas automaticamente e, por isso, ele teve receio de dizer alguma coisa sobre aquilo que lhe começava a parecer ser o seu próprio momento supremo da verdade.

Tinha sempre sido aquele tipo um pouco estranho do programa espacial e, aos 41 anos, embora mais jovem do que Shepard, era claramente um dos membros seniores da *Apollo*. Tinha o aspeto certo para o papel e agia como se esperava, com o seu cabelo loiro, o rosto largo, o ar de nativo do Midwest e o timbre arrastado de um piloto comercial, mas para os outros era considerado um pouco como o intelectual: o único entre todos que tinha um doutoramento e credenciais de piloto de testes. O modo como entrara no programa espacial tinha sido, sem dúvida, diferente do habitual. Obter um doutoramento em Astrofísica no MIT era a forma através da qual pensara que poderia ser indispensável — fora desse modo deliberado que planeara o seu caminho até à NASA, e só depois lhe ocorrera aumentar o tempo de voo, que ganhara no estrangeiro — para se qualificar. No entanto, Ed não era nenhum preguiçoso quando se tratava de voar. Tal como todos os outros, tinha investido muitas horas no circo de voo de Chuck Yeager no deserto do Mojave, pondo os

aviões a fazer coisas para as quais não tinham sido construídos. Em determinada altura, tinha até sido instrutor. Todavia, gostava de pensar que não era tanto um piloto de testes, mas mais um explorador: uma espécie de descobridor moderno da verdade. A sua própria atração pela Ciência chocava constantemente com o feroz fundamentalismo cristão batista da sua juventude. Não parecia ser por acaso que crescera em Roswell, no Novo México, onde tinha alegadamente acontecido o primeiro encontro com extraterrestres — apenas a 1,5 km da casa de Robert Goddard, o pai da ciência espacial americana, e a apenas alguns quilómetros de distância, do outro lado das montanhas, do local dos primeiros testes da bomba atômica. A Ciência e a espiritualidade coexistiam nele, lutando para vencer a corrida, mas Ed ansiava que elas pudessem, de algum modo, dar as mãos e fazer as pazes.

Havia algo mais que não lhes contara. Mais tarde, nessa noite, enquanto Alan e Stu dormiam nas suas redes, Ed pegou silenciosamente numa experiência que desenvolveu durante toda a viagem até à Lua. Começara pouco antes a fazer algumas experiências sobre a consciência e a percepção extrassensorial e passara algum tempo a estudar o trabalho do Dr. Joseph B. Rhine, um biólogo que conduzira muitas experiências sobre a natureza extrassensorial da consciência humana. Dois dos seus amigos mais recentes eram médicos que tinham conduzido experiências credíveis sobre a natureza da consciência. Juntos tinham percebido que a viagem de Ed até à Lua lhes oferecia uma oportunidade única para testar se a telepatia humana podia ser conseguida a distâncias maiores do que as que tinham sido alcançadas no laboratório do Dr. Rhine. Esta era uma oportunidade única de ver se este tipo de comunicação se poderia estender para além de qualquer distância possível na Terra.

Quarenta e cinco minutos depois do início do período de descanso, e tal como tinha feito durante os dois dias da viagem até à Lua, Ed pegou numa pequena lanterna e escreveu números ao acaso no seu bloco, cada um deles representando um dos famosos símbolos Zener do Dr. Rhine — quadrado, círculo, cruz, estrela e linhas ondulantes. Depois concentrou-se intensamente neles, metodicamente e um a um, tentando «transmitir» as suas escolhas aos seus colegas na Terra. Embora estivesse entusiasmado com o

assunto, não disse nada a ninguém. Tinha, em tempos, tentado ter uma conversa com Alan sobre a natureza da consciência, mas não se sentia muito próximo do seu chefe e esse não era um assunto que entusiasmasse os outros da mesma forma. Alguns astronautas tinham pensado em Deus enquanto estavam no Espaço e todos no programa espacial sabiam que estavam à procura de algo novo em relação ao modo como o Universo funcionava, mas se Alan e Stu soubessem que estava a tentar transmitir os seus pensamentos para a Terra teriam achado que era ainda mais estranho do que aquilo que já supunham.

Ed terminou a experiência desse dia e ainda iria fazer outra no dia seguinte, mas, depois do que lhe tinha acontecido antes, isso já não parecia ser necessário. Tinha agora uma convicção interior de que era mesmo verdade — as mentes humanas estavam ligadas umas às outras, tal como estavam ligadas a tudo o resto, neste mundo e em todos os outros. O seu lado intuitivo aceitava-a, mas para o cientista tal não era suficiente. Durante os 25 anos seguintes, iria tentar descobrir, através da Ciência, o que raio lhe tinha acontecido ali.

Edgar Mitchell chegou a casa em segurança. Nenhuma outra exploração física na Terra podia ser comparável a uma ida até à Lua. Dois anos depois, abandonou a NASA, quando os últimos três voos lunares foram cancelados por falta de fundos, e foi nessa altura que a verdadeira viagem começou. Explorar o espaço interior iria ser infinitamente mais demorado e difícil do que aterrar na Lua ou procurar a Cratera Cone.

A sua pequena experiência de PES* fora bem-sucedida, sugerindo que alguma forma de comunicação que desafiava a lógica tinha acontecido. Ed não tinha conseguido fazer as seis experiências planeadas e demorou algum tempo a comparar as quatro que tinha conseguido fazer com as seis sessões de adivinhação conduzidas na Terra, mas, quando os quatro conjuntos de dados que ele tinha conseguido compilar durante os nove dias de viagem foram finalmente comparados com os dos seus seis colegas na Terra, a correspondência entre eles provou ser significativa — com uma proba-

* PES = Percepção Extrassensorial. (NT)

bilidade de o resultado se dever ao acaso calculada em 3000 contra 1.² Estes resultados estavam em linha com milhares de experiências semelhantes, conduzidas na Terra por Rhine e pelos seus colegas, ao longo dos anos.

A experiência-relâmpago de Edgar Mitchell no espaço tinha provocado fissuras em muitas das suas crenças, mas o que mais o preocupava em relação a essa experiência espacial era que a explicação científica atual para a Biologia e, mais especificamente, para a consciência parecia agora ser impossivelmente redutora. Apesar do que aprendera em Física Quântica, durante os seus anos no MIT, sobre a natureza do Universo, parecia-lhe que a Biologia permanecia enclalhada numa visão do Mundo já com 400 anos. O modelo biológico atual ainda parecia estar assente numa visão «newtoniana» clássica da matéria e da energia — corpos sólidos, separados, que se movem de modo previsível num espaço vazio — e numa visão cartesiana do corpo, separado da alma ou da mente. Nada neste modelo podia refletir, com precisão, a verdadeira complexidade de um ser humano e a sua relação com o seu mundo ou, mais especificamente, com a sua consciência; os seres humanos e as suas partes continuavam, para todos os fins, a ser encarados como máquinas.

A maior parte das explicações biológicas dos grandes mistérios relacionados com os seres vivos tentam compreender o todo dividindo-o em partes cada vez mais microscópicas. Os corpos têm a forma que têm devido à impressão genética, à síntese das proteínas e a uma mutação cega. A consciência residia, de acordo com os neurocientistas da altura, no córtex cerebral — o resultado de uma simples mistura de substâncias químicas e de células cerebrais. As substâncias químicas eram responsáveis pela televisão que funcionava no nosso cérebro e por «quem» a via.³ Conhecemos o Mundo por causa da complexidade da nossa própria máquina. A Biologia moderna não acredita num mundo que seja, em última análise, indivisível.

No seu próprio trabalho sobre Física Quântica, realizado no MIT, Ed Mitchell tinha aprendido que, ao nível subatômico, a visão clássica, ou «newtoniana» — que defende que tudo funciona de um modo confortavelmente previsível —, tinha, há muito, sido substituída por teorias quânticas mais desordenadas e indetermi-

nadas, segundo as quais o Universo e o seu modo de funcionamento não são tão arrumadinhos quanto o pensavam os cientistas.

A matéria, no seu nível mais fundamental, não podia ser dividida em unidades independentes, nem sequer ser completamente descrita. As partículas subatômicas não eram pequenos objetos sólidos, como bolas de bilhar, mas sim bolsas de energia vibrantes e indeterminadas, que não podiam ser exatamente quantificadas e compreendidas em si mesmas. Em vez disso, eram esquizofrénicas, comportando-se às vezes como partículas — uma coisa definida e confinada a um espaço pequeno —, outras vezes como ondas — algo vibrante e mais difuso, que se espalhava ao longo de uma extensa região do espaço e do tempo — e outras vezes ainda como ambas ao mesmo tempo: uma onda e uma partícula. As partículas quânticas eram também omnipresentes. Por exemplo, quando transitavam de um estado de energia para outro, os eletrões pareciam testar todas as novas órbitas possíveis de uma só vez, como se o comprador de um apartamento tentasse viver em todas as casas do bairro *no mesmo instante* antes de escolher finalmente com qual delas iria ficar. E nada era certo. Não havia localizações definidas, apenas a probabilidade de, digamos, um eletrão poder estar num determinado local — nenhuma ocorrência definida, apenas a probabilidade de poder acontecer. A este nível da realidade, nada estava garantido; os cientistas tinham de se contentar com o facto de apenas poderem apostar nas probabilidades. O melhor que se podia calcular era a probabilidade — a possibilidade de podermos obter um determinado resultado, numa determinada percentagem de vezes, quando fazemos uma determinada medição. As relações de causa e efeito já não eram aplicáveis ao nível subatômico. Átomos de aspeto estável podiam, de repente, e sem causa aparente, sofrer uma perturbação interna; os eletrões escolhiam, sem nenhum motivo, transitar de um estado de energia para outro. Quando olhávamos cada vez mais de perto para a matéria, esta nem sequer era matéria; não era uma coisa sólida e individual que pudéssemos tocar ou descrever, mas sim um conjunto de identidades indefinidas, todas a serem exibidas ao mesmo tempo. Em vez de um universo de certezas estáticas, o Mundo e os seus relacionamentos eram, no nível mais fundamental

da matéria, incertos e imprevisíveis — um estado de puro potencial, de possibilidades infinitas.

Os cientistas aceitavam a existência de uma ligação universal no Universo, mas apenas no mundo quântico, ou seja, no reino dos seres inanimados, e não no dos seres vivos. Os físicos quânticos tinham descoberto uma estranha propriedade no mundo subatômico, chamada «não-localidade». Isto refere-se à capacidade de uma entidade quântica, tal como um eletrão individual, influenciar outra partícula quântica, instantaneamente, a qualquer distância, apesar de não existir qualquer troca de forças ou de energia. Isto sugeria que as partículas quânticas, uma vez em contacto, retinham uma ligação entre si, mesmo quando separadas, para que as ações de uma influenciassem sempre a outra, independentemente da distância a que estivessem uma da outra. Albert Einstein ridicularizava esta «ação fantasmagórica à distância», e esta era uma das principais razões pelas quais desconfiava tanto da Mecânica Quântica, mas esta propriedade vem sendo verificada, sem qualquer dúvida, por vários físicos, desde 1982.⁴

A «não-localidade» destruiu os alicerces da Física. A matéria já não podia ser considerada separada e as ações não tinham de ter uma causa observável num espaço observável. O axioma mais fundamental de Einstein não estava correto: a um determinado nível da matéria, as coisas podiam viajar mais depressa do que a velocidade da luz. As partículas subatômicas não tinham qualquer significado isoladas, podendo apenas ser compreendidas através das suas relações. O Mundo, no seu nível mais básico, existia como uma rede complexa de relações interdependentes, eternamente indivisíveis.

Talvez o ingrediente mais essencial deste universo interligado fosse a consciência viva que o observava. Na Física clássica, o investigador era considerado uma entidade separada, um observador silencioso por detrás de um vidro, tentando compreender um universo que prosseguia, quer ele o estivesse a observar ou não. Na Física Quântica, no entanto, tinha sido descoberto que o estado de todas as possibilidades de qualquer partícula quântica se fundia numa entidade definida assim que era observado ou medido. Para explicar estes estranhos acontecimentos, os físicos quânticos

tinham postulado a existência de uma relação participativa entre o observador e o observado — considerava-se apenas que estas partículas existiam «provavelmente» no espaço e no tempo até serem «perturbadas», sendo depois forçadas pelo ato de observação e de medição a assumir um estado definido — um ato semelhante ao solidificar da gelatina. Esta observação surpreendente tinha também implicações devastadoras sobre a natureza da realidade. Sugeria que a consciência do observador criava a existência do objeto observado. Nada no Universo existia enquanto «coisa» real independentemente da nossa percepção. Nós criávamos o nosso mundo a cada instante, todos os dias.

Parecia ser um paradoxo básico, para Ed, o facto de os físicos quererem que acreditássemos que os paus e as pedras obedeciam a um conjunto de regras físicas diferente dos que regulavam as partículas atómicas que os compunham; que existia uma regra para o pequeno e outra para o grande; uma regra para os seres vivos e outra para os inanimados. As leis clássicas eram, sem dúvida, úteis para as propriedades fundamentais do movimento, para descrever como o esqueleto nos mantém de pé ou como os nossos pulmões respiram, como os nossos corações batem e os nossos músculos suportam pesos pesados. E muitos dos processos básicos do corpo — a alimentação, a digestão, o dormir, a função sexual — são, de facto, governados por leis físicas.

Mas a Física e a Biologia clássicas não conseguiam explicar temas tão fundamentais, como, por exemplo, saber como é que conseguimos pensar; por que razão as células se organizam assim; quantos processos moleculares se processam de modo praticamente instantâneo; por que razão os braços se desenvolvem enquanto braços e as pernas enquanto pernas, embora tenham os mesmos genes e proteínas; por que razão temos cancro; como é que esta nossa máquina se consegue curar miraculosamente; e, até mesmo, o que é o conhecimento — como é que sabemos o que sabemos. Os cientistas podem compreender ao pormenor os parafusos, as porcas, as dobradiças e as várias rodas, mas não entendem nada sobre a força que alimenta o motor. Podem conseguir tratar os mais pequenos mecanismos do corpo, mas continuam aparentemente ignorantes em relação aos mistérios mais fundamentais da vida.

Se fosse verdade que as leis da Mecânica Quântica também se aplicam ao Mundo em geral e não apenas ao mundo subatômico, à Biologia e não apenas ao mundo da matéria, então, todo o paradigma das ciências biológicas estaria errado ou incompleto. Tal como as teorias de Newton acabaram por ser melhoradas pelos teóricos quânticos, talvez Heisenberg e Einstein estivessem errados, ou, pelo menos, apenas parcialmente certos. Se a teoria quântica fosse aplicada à Biologia em grande escala, seríamos encarados mais como uma rede complexa de campos de energia, numa espécie de interação dinâmica com os nossos sistemas celulares químicos. O Mundo existiria como uma matriz de interrelações indivisíveis, tal como Ed o tinha sentido no espaço. O que estava de modo tão evidente em falta na Biologia padrão era uma explicação do princípio organizador — a consciência humana.

Ed começou a devorar livros sobre experiências religiosas, pensamento oriental e as poucas provas científicas existentes sobre a natureza da consciência. Iniciou estudos introdutórios com vários cientistas de Stanford; criou o Institute of Noetic Sciences*, uma organização sem fins lucrativos, cujo papel era financiar este tipo de pesquisas; começou a compilar estudos científicos sobre a consciência num livro e, pouco tempo depois, não conseguia pensar em mais nada. Tornou-se numa obsessão que destruiu o seu casamento.

O trabalho de Edgar pode não ter iniciado uma fogueira revolucionária, mas sem dúvida que a atizou. Em universidades de prestígio, por todo o planeta, nasciam pequenas bolsas de rebelião silenciosa contra a visão do Mundo de Newton e de Darwin, o dualismo na Física e a visão atual sobre a percepção humana. Durante a sua busca, Ed começou a contactar com cientistas com currículos impressionantes em muitas das universidades de maior reputação — Yale, Stanford, Berkeley, Princeton, a Universidade de Edinburgh —, os quais estavam a fazer descobertas que não se encaixavam.

Ao contrário de Edgar, estes cientistas não tinham passado por uma epifania para chegar a uma nova visão do Mundo. Tinham simplesmente encontrado, no decurso do seu trabalho, resultados científicos que não se encaixavam na teoria científica estabelecida

* Instituto das Ciências Noéticas. (NT)

e, por muito que os tentassem fazer caber à força — de resto, em muitos casos, os cientistas queriam mesmo que coubessem —, eles resistiam teimosamente. A maior parte dos cientistas tinha chegado acidentalmente às suas conclusões e, tal como se tivessem saído na estação errada, quando lá chegavam achavam que a única possibilidade era sair e explorar aquele lugar novo. Ser um verdadeiro explorador é continuar a explorar, mesmo quando a viagem nos conduz a sítios aos quais não tencionávamos ir.

A qualidade mais importante, comum a todos estes investigadores, era simplesmente a vontade de suspender a desconfiança e de permanecer aberto à verdadeira descoberta, mesmo que isso significasse desafiar a ordem existente, afastar colegas ou expor-se à crítica e à ruína profissional. Ser-se, atualmente, um revolucionário na Ciência é brincar com o suicídio profissional. Embora seja uma área que proclama encorajar a liberdade experimental, toda a estrutura da Ciência, com o seu sistema de bolsas altamente competitivo, conjugado com o sistema de publicação e de revisão por pares, depende em grande parte de os indivíduos seguirem a visão científica do Mundo geralmente aceite. O sistema tende a encorajar os profissionais que executam experiências cujo propósito seja, em primeiro lugar, confirmar a visão existente ou desenvolver tecnologias para a indústria, em vez de apoiar a verdadeira inovação.⁵

Todos os que trabalhavam nestas experiências tinham a sensação de estar à beira de algo que ia transformar tudo aquilo que sabíamos sobre a realidade e sobre os seres humanos, mas, na altura, eram simplesmente cientistas de fronteira a funcionar sem bússola. Vários cientistas, a trabalhar separadamente, tinham encontrado um pedaço do *puzzle* e estavam com medo de comparar apontamentos. Não faziam uso de uma linguagem comum, porque aquilo que estavam a descobrir parecia *desafiar* a linguagem.

No entanto, quando Mitchell os contactou, os seus trabalhos independentes começaram a fundir-se numa teoria alternativa da evolução, da consciência humana e da dinâmica de todas as coisas vivas, que oferecia a melhor hipótese para uma visão unificada do Mundo, baseada na verdadeira experimentação e em equações matemáticas, em vez de apenas na teoria. O papel principal de Ed era o de fazer as apresentações, financiar algumas das pesquisas e, atra-

vés da sua disponibilidade para usar o seu estatuto de celebridade enquanto herói nacional, publicitar todo o trabalho, convencendo--os de que não estavam sozinhos.

Todo o trabalho convergia para um único ponto — o ser tinha um campo de influência sobre o Mundo e vice-versa. Havia um outro ponto de acordo: todas as experiências executadas davam uma facada no coração da teoria científica existente.